

SER GOIANENSE II

Ser Goianense - É ter vivido a sua meninice ao som dos Curiós do Tanquinho soltos em vôos livres pelas nossas várzeas e canaviais. Como também expostos cantando em concorridas competições na nossa histórica cidade. É em noites frias com a família acender velas em memória dos mortos no cruzeiro de pedra em frente ao Recolhimento de Nossa Senhora da Soledade.

Ser Goianense - É entrincheirado com as "Heroínas de Tejucupapo" ao lado dos seus maridos e filhos, expulsar o invasor holandês com pau, pedra, água quente, pimenta e muita bravura. É no silêncio da madrugada ouvir os sussurros de Arruda da Câmara o mentor da Revolução de 1817 no velho Convento do Carmo. Como também pelos canaviais e velhas estradas ajudar a fugir Frei Caneca, ícone da Confederação do Equador de 1824.

Ser Goianense - É tombar com Nunes Machado pelos ideais da Revolução Praeira em 1848, enfrentar o paredão do fuzilamento com a coragem de Silvino Macedo em 1894. E encantar-se e morrer pelos ideais libertárias como, Viriato Cláudio de Melo nos Estados Unidos em 1914. E no "Sábado de Aleluia" ressurgir com o Cristo Ressuscitado em sua imagem barroca sobre os ombros carregada pelas ruas banhadas de sangue da nossa cidade.

Ser Goianense - É com Diogo Dias ouvir Andréa Gondim, Ângelo Jordão, Octávio Pinto e Mário Santiago discutirem sobre as origens de Goiana ao cair da tarde no engenho Japumim. E é com o líder negro "Malunquinho" resistir à escravidão servil dos velhos engenhos e senzalas e fugir para o Quilombo de Catucá pelas mãos habilidosas do sapateiro da liberdade Basílio Machado.

Ser Goianense - É com Dona Lêda Pinto venerar a "Terra que nos viu Nascer" e com o professor, Mário Rodrigues e as suas "Crônicas" Goiana enaltecer! É com o Dr. Alcides Sena falar "um Pouco de si e Muito dos Outros" e com o seu filho o Dr. Josué Sena glorificar Goiana em "Versos e Prosa".

Ser Goianense - É fazer a barba com lâminas amoladas e mãos firmes de Seu Henrique Barbeiro, ouvindo histórias de tempos idos. E é gostar de comprar pão quentinho na Padaria de Seu Fialho e aprender piano à Rua Direita com a distinta Senhorita, Cordelita César Baracho fazendo jus à tradição da "Milão Brasileira".

Ser Goianense - É na velha olaria do abolicionista, José Pires Vergueiros esconder os negros fugidos dos velhos engenhos de cana de açúcar. E à surdina da noite proporcionar-lhes o encontro com a sonhada liberdade. E é com os negros irmãos ritmar os sinos da Igreja dos Milagres por um defunto irmão que segue em cortejo fúnebre sob a capa negra da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.





Ser Goianense - É envaidecer-se ao ouvir a poetisa, Sebastiana de Lourdes com o seu feminismo latente e na Escola de Dona Nair Freitas, aprender a dignificar a mulher no mais elevado grau. É alugar uma bicicleta na Rua Direita com Seu Ernesto e ir até o Canal Goiana, ver o velho guindaste recolher louças e utensílios que adornaram as Casas Grandes da Aristocracia Rural.

Ser Goianense - É na mansão do industrial, José Albino Pimentel, banquetear-se e ficar dançando até amanhecer o dia em seu dance interno. E é com as plumas centenárias dos Caboclinhos Caetés posar para fotos excelentes das mãos habilidosas de Seu Elizeu, Seu Luiz Cordeiro e Carmelo Fofoca.

Ser Goianense - É acordar cedo para ver as velhas barcaças no Baldo do Rio e apressadamente subir para a visita de São Benedito na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. E é com "Dona Dina" ungir com perfumes bons, a sagrada imagem do Senhor Morto para a procissão ao cair da tarde fria.

Ser Goianense - É rezar diante da bela imagem da Virgem do Amparo dos Homens Pardos que foi um presente da Princesa Isabel, pelo nosso pioneirismo na luta pela quebra dos grilhões. E é participar com toda a energia da velha Congada no Largo da Igreja do Rosário dos Pretos na qual o padre da Freguesia coroava o Rei do Congo.

Ser Goianense - É ainda ouvir os ecos do "Sermão das Lágrimas" proferido pelo Cônego Fernando Passos o "língua de ouro". E sob o fio da espada jurar fidelidade e lealdade na Loja Maçônica Fraternidade e Progresso. É pegar uma carona com o centenário "Zé Urbano" pelas ruas da cidade para depois sugar tabaco ao meio dia com Seu "Meia Noite" em uma rua que de todas é a mais Augusta.

Ser Goianense - É sobre o lombo do cavalo, refazer os caminhos do Imperador e depois aproveitar o tempo nas competições de argolinhas. E é ao passar pelo Beco do Pavão comprar água em latas no carro de boi de Seu Querenca e Seu Biró.

Ser Goianense - É acreditar como Paulo Cavalcanti que a invencibilidade de Goiana se deve ao fato dos seus templos estarem todos voltados para o centro da nossa histórica cidade. E é com indignação presenciar o sentenciamento à forca na atual praça Duque de Caxias dos nossos Revolucionários de 1817.

Ser Goianense - É caminhar pela cidade com o Magnata da Comunicação, Assis Chateaubriand, folhear as Revistas manchetes com a "Miss Cururu" e na loja de antiguidade de "Seu Macaquinho" escolher peças antigas para comprar. E é com o Coronel Diogo Soares da Cunha Rabello saudar as damas goianenses na calçada do seu imponente Solar por nome de Vila Maria Antônia.

Ser Goianense - É com a Irmã Marie Armèlle aprender a regra do bem viver e a piedade cristã. E com as demais irmãs francesas ofícios múltiplos absorver para no cotidiano estudantil e social sempre surpreender. É recordar que nas dependências do





Colégio da Sagrada Família quando criança se brincava de Berlinda, Amarelinha Academia, Escravo de Jó e Casamento Inglês com as colegas de turma.

Ser Goianense - É a exemplo do grande Trovador Adelmar Tavares na calçada do Recolhimento da Soledade declamar o seu primeiro verso. E é ainda nesse velho Convento na roda dos rejeitados recolher doações, crianças exclusas e recortes da história que formaram os famosos "Analectos Goianenses" uma verdadeira preciosidade histórica.

Ser Goianense - É no Gabinete de Leitura na Rua Direita folhear o Jornal "A Província" e outros que atestam a nossa primazia no campo da Comunicação Social. E é enaltecer a coragem do Frei Elizeu Maneus, que enfrentou a morte em nome da Fé Católica e ansiosos aguardamos a sua canonização.

Ser Goianense - É ouvir com alegria Dona Lourdes Rabello à Rua do Amparo falar sobre as histórias de Seu José Xavier "Zé de Faz" e as caminhadas políticas de Frei Tarcísio pelas estradas da velha Usina Nossa Senhora das Maravilhas. E é oferecer músicas na Difusora Tupã e encomendar uma xilogravura a Edilson Oliveira, sobre a bravura de Silvino Macedo e a coragem dos velhos Expedicionários.

Ser Goianense - É ainda ouvir o choro da criança que nasceu de uma escrava de parto cesariana pelas mãos habilidosas do "Pai da Medicina Brasileira" o grande goianense o Dr. José Correia Picanço. E é fazer uma "fezinha" no jogo do bicho e bater uma boa pelada, enquanto as mulheres lavam os panos de casa no conhecido riacho.

Ser Goianense - É divertir-se no Tênis Club durante o dia e à noite com um terno feito pelo alfaiate, Chico Flor, prestigiar uma peça no teatro São Pedro de Alcântara à Rua Direita. E é com maestria dançar uma valsa na Saboeira, calçado com sapatos cuidados pelo sapateiro Seu Policarpo.

Ser Goianense - É testemunhar a paixão de dois irmãos casados com duas irmãs e poder ver essa história de amor imortalizada nas fachadas de suas casas. E é com cocar na cabeça e arcos e flechas nas mãos participar da 1º Assembleia Indígena no aldeamento de Itapissirica nos idos de 1645.

Ser Goianense - É ouvir dizer que o Padre holandês Antônio Bosch foi enterrado com um cálice de prata em suas mãos e ainda se arrepiar com as "histórias" de fantasmas em nosso velho Campo Santo inaugurado nos idos de 1876. É ainda, ver Dona Alba Barreto, Elizete e Carmiluna caminhando para a Santa Missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos.

Ser Goianense - É conceder a Honrosa Cidadania Goianense ao Papa João Paulo II ao som do Coral Nossa Senhora do Rosário e Escalla de Goiana. E é emocionar-se ao ouvir a cantora, Cristina Barnabé entoando o clamor à Virgem do Carmo em Solene Novenário.





Ser Goianense - É contemplar os negros escravizados suplicando a liberdade diante da Virgem do Rosário dos Pretos e visitar a Rua da Praia o Sr. Cajazeiras, um homem do bando de lampião. É ainda ver a doce criança Alba Barreto, tocando seu piano alemão na inauguração do nosso antigo Palácio da Justiça à Rua do Amparo.

Ser Goianense - É gostar de visitar "Seu Brasilidade" lá no engenho Mussumbú e comover-se diante da severidade da sua enfermidade. E admirar-se com as diversas aves na grande gaiola da Casa Grande no pátio do velho engenho da tradicional família Maranhão.

Ser Goianense - É gostar de andar pelas antigas feiras de gado admirando e comprando animais de grande porte. E encomendar toda a mobília do casamento na oficina de "Seu Nozinho" para deixar a casa bonita em dias festivos.

Ser Goianense – É com indignação acolher as mãos decepadas e salgadas do herói de 1817 o Vigário Tenório à entrada da cidade. E com piedade e comoção participar do sepultamento das suas sagradas mãos na Capela Mor da nossa Igreja dos Milagres.

Ser Goianense – É com satisfação conviver e aprender com os descendentes da família de Arruda da Câmara em nossas ruas. E com entusiasmo cultivar o abacaxi que é o doce resultado da sua genialidade.

Ser Goianense – É participar da Santa Missa no tradicional engenho Uruaé celebrado pelo "Padre Santo" ao lado do grande abolicionista o Dr. João Alfredo. E participar da posse do médico e 1º Prefeito Republicano de Goiana o Dr. Belarmino Correia de Oliveira em uma festividade histórica.

Ser Goianense – É estar bem juntinho do herói goianense o Pe. João Ribeiro durante o desenho da Bandeira Revolucionária de 1817. E com profunda gratidão assistir o Dr. Manoel Borba a elevar a dignidade de Bandeira do nosso Estado.

Por fim, **Ser Goianense** é trazer o sentimento de "Goianismo" à flor da pele e ao pisar em ruas e calçadas banhadas de sangue pelos confrontos libertários do passado. Poder no presente indignar-se com as injustiças sociais e ser pessoa da paz e pronta para toda e qualquer boa obra em vista do futuro que já se anuncia!

Goyanna, 11 de março de 2015.

MARCOS PAULO A. DOS SANTOS

AUTOR